

OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA
MENSAL



AGOSTO

VOL. XX • 1943 • N.º 64

REVISTA PORTUGUESA
MENSAL, FUNDADA
EM 1938. DIRECTOR
PROPRIETÁRIO E EDITOR
ÁLVARO PINTO

OCIDENTE

SAI NO DIA 1 DE CADA MÊS

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO e OFICINAS:
R. DO SALITRE, 155, 1.º
TELEFONE P. B. X. 53173/4
LISBOA ♦ PORTUGAL

SUMÁRIO DO N.º 64 ~ VOL. XX ~ AGOSTO DE 1943

«Sôbre Propriedade literária e Selecções»
— Pág. 345/348.

Durval Pires de Lima — «Francisco de
Sousa Coutinho» — Pág. 349/374.

«O Pôrto, capital da Flor» — Excerto
dum discurso de *António Ferro* — Pág.
375/376.

«Subsídios para uma Bibliografia das
Comemorações Centenárias» — Compilação
de *Carlos Galvão Simões* — Pág.
377/392.

Delfim Santos — «Colóquio inútil» — Pág.
393/398.

CRÓNICAS

José Régio — «Problemas da Crítica literária» — Pág. 399/403.

Vasco Botelho de Amaral — «Lingua Portuguesa» — Pág. 404/407.

Rodríguez Cavalleiro — «Sob a Invocação
de Clio» — Pág. 408/411.

Diogo de Macedo — «Notas de Arte» —
Pág. 412/419.

Mário de Sampaio Ribeiro — «De Música»
— Pág. 420/424.

Luís Chaves — «Nos Domínios da Etnografia
e do Folclore» — Pág. 425/429.

Notas Estatísticas — Pág. 430.

BIBLIOGRAFIA — Notas de *Carlos Pereira*,
Luís Silveira, *Mário de Sampaio Ribeiro*
e diversas — Pág. 431/439.

Pelas Revistas — Pág. 438/439.

Livros recebidos — Pág. 439.

Revistas recebidas — Pág. 440.

NOTAS E COMENTÁRIOS — de *Alvaro Pinto* — Pág. 443.

ILUSTRAÇÕES

Busto de M. L. L. G. — por *Francisco Franco* — Pág. 360/A.

Retrato da Infanta D. Joana (1636-53) e
Retrato do Príncipe D. Teodósio (1636-53)
— Pág. 360/B.

Retrato da menina M. da G. D. por *Joaquim Lopes* — Pág. 376/A.

Noite do Calvário — por *Diogo de Macedo* — Pág. 376/B.

Fins de página: De *I. Xavier Fernandes* —
Pág. 374 e 376; de *Luís de Camões* —
Pág. 398; de *D. Carolina Micaëlis de Vasconcelos* —
Pág. 398; De *Ricardo Jorge* — Pág. 424 e de
Vasco Botelho de Amaral — Pág. 429.

ASSINATURA

Com direito aos números extraordinários

Portugal — 6 meses 65\$00 1 ano 120\$00

Colónias Portuguesas. . . 1 > 125\$00

Brasil 1 > 120\$000

Estrangeiro 1 > \$ 7 (ch.)

NÚMERO AVULSO

Portugal 10\$00

Colónias Portuguesas. 11\$00

Brasil 10\$000

Estrangeiro \$ 0,60

Preço deste número 10\$00

(Estes preços anulam os anteriores e são cobrados adiantadamente, não se satisfazendo assinaturas que não venham acompanhadas da respectiva importância)

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

REVISTA DE PORTUGAL

SÉRIE A—LÍNGUA PORTUGUESA

DIRECTOR — ÁLVARO PINTO

Fundada em Outubro de 1942

Publicados os n.ºs 1 a 10

Cada fascículo 7\$50 — Dez.: 70\$00

COLÓQUIO INÚTIL

N ESSA NOITE reunimo-nos os seis. Conhecíamos-nos todos desde que, frequentando a Universidade, nos achámos mais ou menos ligados pela comunidade dos nossos interesses intelectuais. Só um dêles se juntou ao grupo muito mais tarde. As suas preocupações culturais, que eram as nossas, foram descobertas por Alberto, que era, de todos nós, aquêlê que manifestava mais talento para aliciar discípulos ou simpatizantes. Nessa noite, havíamos-nos juntado para dedicarmos uma hora de estudo a um pensador, que tinha sido nosso mestre na Universidade. Era a Alberto que pertencia fazer um pequeno relato de um dos livros do nosso autor, a que se seguiria discussão esclarecedora. Depois de várias objecções, pedidos de esclarecimento, e crítica a algumas opiniões de Alberto, que se seguiram à leitura, bem escutada, o problema fixou-se no seguinte: «Não seria necessário, antes de continuar a análise da obra do pensador, determinarmos o que se deve entender por filosofia, e quais as características que a distinguem de outras actividades do pensamento? Ou, de outra maneira, «¿que é o filósofo?»

Alberto foi o primeiro a tomar a palavra. «Filósofo, disse êle, é o pensador que, armado de um método próprio e adequado, pretende desvendar a realidade». Na sua definição, objectaram-lhe, exprime-se a convicção de que o fundamental em filosofia é o método, mas ¿não é isso mesmo que a filosofia contemporânea põe em dúvida? ¿Não será essa definição, no que se refere ao método, mais própria para a ciência? ¿Não é a ciência que se determina, a si e ao seu domínio real, pelo método que põe em acção? Ou ¿não haverá, sob êste aspecto, distinção possível entre ciência e filosofia? E admitindo tal definição, parece que o método só poderá ser um, quanto à filosofia: a dialéctica. E êsse, de facto, é admitido por todos os filósofos. Mas a dialéctica não é um método de descoberta da realidade, — foi objectado — mas a própria actividade do pensamento na busca do fundamento das coisas e de si mesmo.

Rodrigo propôs então uma outra definição. Não; para êle filosofia era coisa diferente. «Filósofo é o homem que reflecte profundamente sôbre o homem e a vida». Mas a sua definição levantou logo de um dos presentes a seguinte objecção: que o homem e a vida sejam tema de reflexão do filósofo, temos todos de o admitir; no entanto, que o tema faça o filósofo, já não é tão facilmente admissível. Reflectir tem um sentido muito vago. Parece que, tal têrmo, se emprega com propriedade,

quando significa uma acção indirecta do pensamento sobre o tema que focou. Ora, sendo assim, ¿poderá a definição aplicar-se à filosofia? ¿Não pretende ela um conhecimento directo e mesmo immediato da realidade? — E outro dos presentes acrescentou: o termo reflexão parece ainda impróprio para exprimir o transcendental que todo o conhecimento implica, porque a actividade reflexiva se realiza sempre no sujeito, é imanente ao sujeito ou, como diziam os medievais, é uma «intentio obliqua», emquanto que o conhecimento filosófico aspira à «intentio recta». Demais, acrescentou outro, ainda que no conhecimento filosófico houvesse algo de reflexão, ficaria vago o sentido do «profundamente», que surge na definição. Todos os homens reflectem sobre o homem e a vida, mas ¿quando começam a ser filósofos por esse facto? ¿Como se determina o «profundamente»?

José, que, até então, se mantivera silencioso, ajeitou-se na sua cadeira, e todos voltaram para êle os olhares. E, num tom profundo de homem que está habituado a dizer grandes coisas, e só grandes coisas, afirmou, em tom definitivo: «filósofo é o homem que procura a verdade». A resposta, dada em tom sacudido e mostrando claramente que não lhe agradava «ter sido chamado à pedra», parecia-lhe que tinha pôsto fim ao debate. O sorriso com que terminou as suas palavras dispunha-o mesmo, vaidosamente, a receber os elogios e os aplausos. Mas êstes não vieram. E objectaram-lhe: se o filósofo procura a verdade, isso não o distingue de qualquer outro homem. Todos os homens procuram a verdade. E, portanto, estamos diante desta alternativa: ou todos os homens são filósofos, porque procuram a verdade, ou a verdade, que os filósofos procuram, é diferente da que busca o comum dos homens. Além disso, o problema da verdade é complexo em demasia para se poder afirmar simplesmente que «o filósofo procura a verdade». ¿Verdade no sentido de adequação dos nossos pensamentos com a realidade, ou verdade no sentido de coerência dos pensamentos entre si? A definição supõe resolvido um problema muito difícil, afirmou um dos presentes. Admitindo que «verdade» tenha um sentido especial, distinto daquele que lhe empresta o homem vulgar, precisaríamos ainda de distinguir o que é a verdade para a ciência, e o que é verdade para a filosofia. Porque, estou certo, todos admitem que o homem de ciência também procura a verdade. E, segundo a filosofia alemã, teríamos de distinguir entre verdade ôntica e verdade ontológica... e o problema da evidência, interveio outro, dá também sentido especial ao problema da verdade e...

... As suas palavras perderam-se. Uma certa confusão, causada pelas vozes de vários, falando ao mesmo tempo, indicou ter chegado a

vez de ouvirmos a definição de Ernesto, que era quem se seguia ao anterior. Ernesto estava visivelmente inquieto, quando a pergunta lhe foi dirigida. Notava-se que procurava uma resposta digna de si e do seu conhecimento da filosofia alemã. E começou assim: Num primeiro estágio, só me é possível definir o filósofo de maneira negativa. Começarei, portanto, por dizer que «filósofo é o homem que, na sua dialéctica, exclui o momento religioso e o momento estético». Parece-me que são êstes os escolhos, que sempre perturbam a actividade filosófica, e, só quando o pensador conseguiu libertar-se dêles, encontrou a verdadeira via da especulação. A dialéctica hegeliana, por exemplo, parece-me ter aproveitado de forma feliz êsses dois momentos, mas pode perguntar-se se é legítimo tal método em filosofia. Sou levado a crer que não. Além disso, a expressão «dialéctica hegeliana» não me parece, neste caso, muito feliz, porque há em Hegel diferentes dialécticas, conforme o aspecto da realidade donde parte. Portanto, parece-me que, antes de mais, teríamos de determinar, com precisão, qual é a região da realidade onde deverá apoiar-se a dialéctica para a tornar típica do filósofo. É certo que em Hegel temos uma resposta clara, embora nem sempre êle a respeitasse: o espírito, nos seus três graus de desenvolvimento. Mas deixo, por agora, a minha resposta em suspenso, e passarei à determinação positiva do que seja o filósofo, depois de ouvir António e o nosso Martinho.

António, que é poeta, e poeta já consagrado, olhou Ernesto e parecia que iria contestar a exclusão do momento estético na dialéctica filosófica. Mas não; seguiu outro caminho. E, depois de marcar a dificuldade que tinha em exprimir, naquele momento, o que pensava, continuou assim: penso que «o filósofo é o homem que, acima de tudo, se interessa por desvendar o que é a realidade». É claro que eu entendo realidade num sentido concreto e sem abstracções, e penso que é esta que, de facto, interessa ao filósofo. «O que é enquanto é», se quiséssemos adoptar esta forma rebarbativa, poderia sugerir o que penso. É certo que, por vezes, se acusa a filosofia de ser abstracta, e eu não nego que em várias ocasiões o tenha sido. Mas, muitas vezes também, as abstracções, que os filósofos usam, têm apenas valor instrumental; são as ferramentas utilizadas na descoberta do que, nem por isso, necessita de ser também abstracto. Quando eu me refiro à realidade concreta penso em algo que sempre o filósofo procura, embora nem sempre o encontre. É claro ainda que não identifico realidade concreta com algo material. O que penso não o posso claramente exprimir, mas talvez volte ainda ao assunto para tentar determinar o sentido especial que ligo ao termo «concreto», tanto mais que está hoje em moda, embora, nem por isso, esteja suficientemente esclarecido.

peafin

E Martinho começou em voz baixa e reflectida o seu depoimento: é interessante que, apesar de sermos apenas seis, em nós se manifestaram algumas das mais importantes tendências da filosofia. E, se fôssemos mais, talvez fôsse possível fazer o catálogo, mais ou menos completo, das atitudes já postas em relêvo ao longo da história do pensamento. Donde se prova que a filosofia é uma especulação livre, e que a história do pensamento só nos serve para melhor nos procurarmos e, porventura, nos encontrarmos. A concepção metodológica apresentada por Alberto é, quanto a mim, apenas um momento da filosofia que, por isso mesmo, a não pode caracterizar na sua totalidade. A atitude psicologista de Rodrigo já foi criticada por vós, e não me parece, a mim também, capaz de exprimir integralmente o pensamento filosófico. José transpôs a filosofia em metafísica e em gnoseologia. Parece-me ser uma via que, bem explorada, nos poderá ainda levar muito longe. Ernesto deixou apenas entrever a sua resposta, que me parece, desde já, importante; e tu, António, como convém ao teu temperamento, foste, como sempre, ontologista. Espero apenas que nos esclareças sobre o teu conceito de «concreto», que talvez venha mesmo a aproximar-se da noção de espírito, que me parece vai ser desenvolvida por Ernesto para determinar positivamente o que seja o filósofo.

Mas agora, cabe-me dar a minha resposta, e vou fazê-lo antecipadamente convencido de que ela merecerá as mesmas críticas que as anteriores. Poderia dizer-vos, em tom irónico, que o «filósofo é o homem que tem a possibilidade de filosofar». E é claro que, se vos dissesse isto a sério, ou convencido que era a sério, poder-me-íeis vós dizer que não tinha dito nada, porque, segundo as regras da lógica, tal definição não serve. Mas reparaí um momento. Eu disse-vos que o filósofo era o homem que tinha a possibilidade de filosofar, e não que era o homem que tinha uma filosofia. Há uma notável diferença entre filosofar e filosofia. A primeira é uma actividade, a segunda um momento de repouso. Daqui ainda uma outra distinção: pode ensinar-se filosofia, o que não pode é ensinar-se a filosofar. Isto é, pode ter-se uma filosofia sem ser filósofo, o que não pode nunca suceder com o filosofar. E pode ainda tirar-se outra consequência: nunca a filosofia fez um filósofo, isto é, nunca a história dos sistemas serviu alguma vez para despertar a vocação do filosofar. Possivelmente achais atrevido este ponto de vista, mas eu ouvirei com agrado os vossos desacórdos. Cabe-me ainda indicar-vos qual o sentido que attribuo ao filosofar. Dir-vos-ei que «filosofar» se revela sempre como fundamentação de pensamentos, idéias, actos ou atitudes. Em resumo: filosofar é fundamentar. E fundamentar é buscar o alicerce (racional, emocional ou sensorial) que serve de suporte e garantia a

tôda a actividade humana. «Filósofo é, portanto, o homem que procura, em todos os aspectos da vida prática e teórica, a fundamentação das suas atitudes, do seu pensamento, da sua vida e de tudo que o circunda ou transcende a sua esfera de acção». E não quero agora chamar para aqui Aristóteles e Leibniz, que nos poderiam esclarecer, sem dúvida, sobre o problema do «fundamento», mas que nos desviariam também do nosso propósito. Basta-nos só ter indicado as relações do problema do «fundamento» com a actividade do filosofar. E, no sentido que já vos indiquei, o filósofo é que é autenticamente «filólogo», isto é, o homem que procura o «logos», a base de fundamentação racional do seu pensamento e das suas atitudes. Se quiséssemos outro símile, poderíamos dizer que o filósofo é verdadeiramente o «arqueólogo», como aliás pretendeu Husserl, afirmando que o sentido último da filosofia é ser arqueologia, no sentido da descoberta do «logos» primitivo, como os elementos gregos conformadores da palavra «arqueo-logos» o exprimem com notável precisão.

Pelo que vos disse, pode concluir-se que a filosofia manifesta sempre um sentido regressivo relativamente a outras formas do conhecimento. A filosofia é regresso e não progresso, embora, certamente, êste regresso condicione e desenvolva as possibilidades de progresso de outras actividades do pensamento. É o caso das relações entre a ciência e a filosofia. A ciência progride no encontro de novos resultados, mas os métodos que lho permitem são alargados e tornados fecundos com a aproximação das fontes originárias do «logos», que o regresso filosófico permite. Um exemplo concreto pode tornar mais claro o que acabo de dizer: o mecanismo em física é uma concepção proveniente de certa visão filosófica do universo. Verificada a sua insuficiência explicativa, adoptou-se uma outra teoria mais vasta e conhecida sob o nome de energetismo. ¿Quais são as relações entre mecanismo e energetismo? A segunda é muito mais vasta e indiferenciada do que a primeira e, portanto, mais regressiva. E, por isso mesmo, permite uma melhor e mais adequada explicação dos factos físicos do que o mecanismo. Em resumo, uma teoria tem sempre dois sentidos opostos: um regressivo, e buscando sempre bases mais profundas de fundamentação — o momento filosófico; e outro progressivo, que possibilita a sua generalização explicativa a novos factos — o momento científico. No momento regressivo há um patente sentido de transobjectividade, porque êste se move na região dos princípios. No momento progressivo, e predominantemente científico, tudo se move na zona do puramente objectivo. De certa maneira, pode dizer-se que o filósofo é o homem ignorante relativamente àquêles que, seguindo o sentido progressivo, julgam que sabem, e o homem que sabe, de ciência certa, relativamente aos outros que ignoram o caminhar do pensamento no sentido

regressivo. Há, portanto, nêle uma qualidade especial, que já foi chamada na história «docta ignorantia», e exprime o que pretendemos expor.

O conceito de ignorância, interpretado neste sentido, deu origem a algumas objecções dos presentes. No meio da discussão, ouviram-se gritos de uma criança estremunhada, vindos do quarto contíguo. A mãe, que estava atenta junto de nós, e era a mulher de António, correu em sobressalto. Poucos segundos depois, voltou e disse-nos que o filho pedia que estivéssemos calados. E assim se tornou claro, para todos nós, que a verdadeira definição de filósofo tinha sido dada por êsse garoto de sete anos, que queria dormir. «Filósofo é aquêlê que medita, que medita em silêncio, que respeita e adora o silêncio, e não crê na veleidade de, pela discussão, ficar a saber o que é o filósofo».

DELFIM SANTOS

CANTIGA

a êste cantar velho:

VOLTAS

quando vos veria?
Saúde minha

Êste tempo vão,
esta vida escassa,
pera todos passa,
só para mim não.
Os dias se vão
sem ver êste dia,
quando vos veria?

Saúdosa dor,
eu bem vos entendo;
mas não me defendo,
porque ofendo Amor.
Se fôsseis maior
em maior valia
vos estimaria.

Vêde esta mudança
se está bem perdida,
em tão curta vida
em tão longa esperança.
Se êste bem se alcança,
tudo sofreria,
quando vos veria.

Minha saúde,
caro penhor meu,
a quem direi eu
tamanha verdade?
Na minha vontade
de noite e de dia
sempre vos teria.

LUÍS DE CAMÕES

«DA arte de escrever do Poeta não temos amostras, infelizmente. O exemplo dos *Lusiadas* que têm a inscrição *Luís de Camões seu dono 576* não prova nada, emquanto não houver outros documentos autênticos. Nem está em harmonia com a tradição, relativa à entrega, no leito da Morte, do seu exemplar de uso a Frei Jo-sepe Indio.»

D. CAROLINA MICAËLIS DE VASCONCELOS, *Novos Estudos sobre Sá de Miranda*, em *Boletim da Segunda Classe*, V. v., f. n.º 1, 1911, pág. 18.